



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

OS AMIGUINHOS DOS ANIMAIS

Por MARIA BRANCO

Desenhos de CASTANE

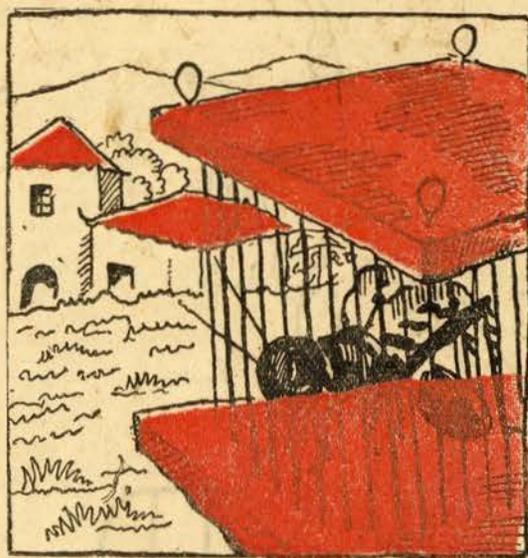


FERNANDINHO era doido pelos pirilampos. A' noite, nas márgens do ribeiro, legiões de vaga-lumes, pontuavam de luz, o canavial e as hortas. Certa vez, alguém incutiu assim ao Fernandinho: — Fechando os pirilampos, eles transformariam as suas maravilhosas cintilações em moedas de ouro. Fernando perguntou: E o pirilampo?

— Morre.

Então Fernandinho preferiu que eles vivessem. Se os apanhava, se osembrulhava, cautelosamente, dentro do lenço, era para, por um ins-

tantezinho só, poder adquirir aquele brilho que o fascinava.



Depois de punha-os na palma da mão soprava-os devagarinho e, um a um, largavam em amplos vãos de luz.

Ao Luizinho deram um grilo, em gaiola rica. O animalzinho cantava imenso. Mas ao Luís aquela prisão, mesmo tão bem colorida, maguava-o. Resolveu, portanto, libertar o grilo. Depô-lo sobre uma folha de alface, tenra, fresca e verdinha, que era um regalo, há pouco colhida pelo hortelão, mas o grilo, mal se viu solto, nem reparou no «encanto», fugiu com quantas pernas tinha.

Todas as tardes, quando serenamente a noite chega, grandes coros de grilos vibram alegremente pelo espaço. Luizinho escuta-os radiante, e idealisa o seu grilinho contando es seus tormentos aos outros, ignorantes do que seja o «inferno da gaiola», sabedores, sómente, do «paraíso do terreiro».



F I M

O bÉbé e o mar

POR GRACIETTE BRANCO

DESENHO DE OFÉLIA MARQUES



Joelhado
na cama,
— de pijama, —

ao pé
da vela acêsa,
Bébé

reza:

— «O' meu Nosso Senhor!
faz-me um favor...
só esta vez...
só uma...»

Eu te venho
dizer
que vás secar
o Mar,
para amanhã,
de manhã,
não ter
água nenhuma!

A Mamã
quer me levar
ao banho,
e eu tenho
tanto medo!...

Não te esqueças então!...
Mas não lhe digas não? !...

...Porque é ségrêdo!...»

Sua majestade vai escolher noiva...

Por MARIA EMILIA BARBOSA VIANA

Desenhos de ADOLFO CASTANE



AO se falava noutra coisa, na cidade, senão da próxima escolha de noiva que o rei Carlos ia fazer. Havia uma imensa ansiedade por toda a população, isto é: desde os mais pobres, os mais humildes, até aos senhores mais poderosos daquele reino.

Sobrinho dos falecidos reis, Carlos, que governava apenas havia um mês e tinha sido educado no estrangeiro, era ainda um estranho para o seu

povo. Ninguém podia prever qual seria o seu caracter, se melhor ou pior que o do seu antecessor, que, diga-se de passagem, tinha sido soberbo, egoista, e, por vezes, cruel.

Em geral, pouco comunicativo, não deixando transparecer bem o seu génio, D. Carlos era, contudo, um homem que conseguia dominar facilmente, já pelo seu porte altivo, como pelo seu olhar leal e franco. Por isso, o povo, durante tantos anos oprimido pelo *tirano* (como eles denominavam o rei anterior), sentia-se insensivelmente atraído e cheio de esperança por esse rei jovem e belo. Nessa tarde, tinha lugar uma grandiosa recepção no palácio real, dada em honra da princesa Joana, aquela que, no dizer de muitos, seria a vencedora, no coração enigmático do jovem rei.

Logo de manhã, muita gente se dirigia para as proximidades do palácio real, na expectativa de conhecerem a recém-chegada. Descutia-se, com entusiasmo.

— Deve ser linda! — diziam uns.

— Que ricas *toilettes* deve trazer! — diziam outros.

— Ora, pode ser que, apesar de tudo, o rei não a queira! — dizia, ainda, alguém.

E as diversas exclamações choviam de todos os lados...

Tocam as trombetas! Sua alteza acaba de chegar! Há encontrões, há emoção, há sobretudo curiosidade...

Um arauto anuncia o rei, que, acompanhado por toda a corte, vem cumprimentar a princesa, que se encontrava rodeada pelo seu numeroso séquito.

Há os cumprimentos do estilo... principia a recepção. D. Carlos e D. Joana conversam... Porém, quem reparasse na fisionomia do rei achá-la-lá fria, impassível, apesar da deslumbrante formosura desta última. Como se tratasse duma princesa muito poderosa, tanto os ministros, como os grandes da corte, fizeram todos os possíveis para que sua majestade se dignasse aceitá-la por esposa. Porém, foi tudo de balde. O rei recusou.

Mais princesas vieram após esta, todas igualmente formosas, ricas, poderosas. Contudo, o rei continuava a recusar...

Como continuassem sendo infrutíferas todas as tentativas nesse sentido, D. Carlos tomou, então, a resolução de partir para o estrangeiro á procura de noiva.

Meses haviam já decorrido, mas nada de interessante se sabia do rei; apenas que, por todas as cortes em que havia passado, fóra sempre muito festejado, mas... a respeito de escolher noiva... nada!

Receava-se já que o rei queria permanecer celibatário, o que seria muito de lamentar para o país, que reclamava a sua rainha e os seus herdeiros ao trono!

Mais meses se passaram. Finalmente, o rei anuncia o seu regresso á patria. Entre o povo começou, então, como que a esboçar-se uma esperança de que, desta vez, o rei viria acompanhado daquela que seria, de futuro, a sua rainha. Aquela mesma multidão que o aclamara á partida, lá estava a aclamá-lo no regresso. Mas... oh decair de todas as desilusões! Sua majestade vinha só, bem só!

Viria a princesa escolhida depois? Seria possível não ter D. Carlos encontrado ainda o seu ideal?! O que se teria passado?! Estas interrogações estavam nos corações de toda a gente. Porém, ninguém ousava formulá-las primeiro. Impassível perante aquelas curiosidades que presentia, D. Carlos limitou-se a dizer, não sem certo lachrimismo, para os ministros, para a corte:

— Não encontrei quem me agradasse!

Verdadeiramente estupefactos, estes entreolharam-se. Seria lá possível que, tendo o rei percorrido todas as cortes da Europa, onde vira mulheres lindíssimas, ricas, nobres, inteligentes, poderosas, não encontrasse noiva que lhe agradasse?! Que desdenhasse esta ou aquela, vá, rãs que o seu desdém se estendesse por todas as princesas, por todas as fidalgas que conhecera durante a sua longa permanência no estrangeiro, era, na verdade, o cúmulo da soberbia!

Quem seria, pois, digna de ser sua esposa? Era, porém, opinião geral ser absolutamente necessário que o rei se resolvesse a casar, fôsse com quem fôsse.

Anunciava-se já que novos pretendentes ao trono queriam derrubar o actual monarca. O país atravessava horas



de incerteza. Era indispensável aplicar-se um fim a contento de todos, e esse fim era, sem dúvida, o casamento do rei. Na paço, os ministros procuravam, por todas as formas, convencer o rei a arranjar noiva.

— Pois bem — diz este. Estou definitivamente decidido a escolher noiva, seja ela quem fór, sómente para contentar o meu povo, que tanto amo!

«Dizei, pois, senhores — continuou o rei — ao povo a

(Continua na página 6)

TRÊS DIABRETES

POR MARIA ALDA

Desenhos de A. Castañé



U tinha quasi a certeza de já ter visto aqueles três petizes que, com tanto entusiasmo, aplaudiam Charlot numa fita, a cuja exibição eu também assistia, mas não me lembrava onde.

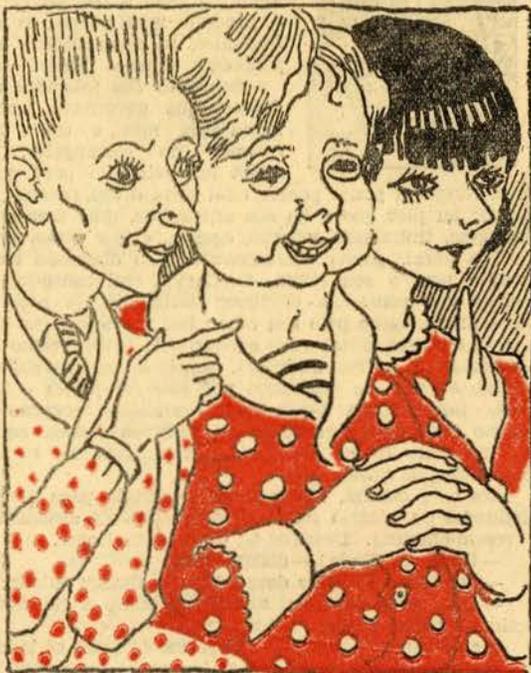
A maneira ruidosa como se manifestavam, causava o desespero dalguns espectadores, provocando o riso a outros, acabando, finalmente, por despertarem mais interesse que a própria fita, a-pesar-de que, meus amiguinhos, eu sou uma grande admiradora de Charlot, e desviando para si a atenção da maioria dos espectadores, em cujo número me encontrava eu.

Veiu o intervalo e, então, tendo aumentado a iluminação, não me foi difícil reconhecer a «trempe» que tanto me divertia...

Em frente dos endiabrados rapazes, sentavam-se dois namorados que, por se prestarem ao ridículo, logo foram atacados por eles. Ela muito ma-

compôr a cabeleira que não possuia, porquanto era quasi careca.

No começo do intervalo, teve o namorado, possuidor do monóculo, a infeliz idéa de se dirigir aos três petizes, em atitude agressiva, dizendo-lhes:



gra, de grandes bandós, quasi lhe tapando os olhos, puxava constantemente do espelhinho. Ele, muito gordo e barrigudo, grandes ares de importância, bigodinho à «Jonh Gilbert», e de monóculo, levava constantemente as mãos à cabeça, no gesto de

— Já estou farto de os ouvir; se continuam a fazer barulho, chamo um polícia para os meter na ordem.

— Então, o cavalheiro do «caquinho» não dá licença que nós manifestemos a nossa alegria perante a graça de Charlot?

— Olha o atrevidão! interveiu a namorada, dos bandós, que, nesse momento, puxava pela centésima vez do seu espelhinho.

— E a Senhora, — disse outro dos petizes, — para que está a gastar o seu espelhinho, se pode muito bem ver-se na careca do seu namorado?

Nisto, ouviu-se um garoto, da geral, gritar, apontando para os garotitos.

— Eh rapazes, olhem quem ali está:—O Pim, o Pam e o Pum!

Os dois namorados que, nesse momento, se preparavam para abandonar o Cinema, ao reconhecerem os três diabretes, reconciliaram-se com eles e ofereceram-lhe bonbons.

F I M

AMOR DE MÃE

POR MARIA ALDA
DESENHOS DE A. CASTAÑE

A M A R I A A M E L I A



ESTAVA, acidentalmente, em casa dos padrinhos. Era ainda quási uma criança. Bôa e carinhosa, como era, todos lhe queriam muito.

Um dia sentiu-se doente; reagiu durante três dias, mas o mal agravou-se-lhe e teve de recolher à cama. Veio o médico e, rà-

pidamente, fez o seu diagnóstico:

— A Mariazinha estava atacada de febre tifóide.

A madrinha, assustadíssima e possivelmente para fugir ao péso da responsabilidade e dos cuidados de tal doença, aconselhou o marido — (o bom do Senhor Teles) — a que levasse a Mariazinha para casa dos pais, o que êle se apressou a fazer.

A-pesar-de ser grande a distância que separava as duas casas, o Senhor Teles, que era agarrado ao dinheiro, resolveu que fizessem o trajecto a pé.



Ela, ardendo em febre e faltando-lhe as forças para caminhar, a cada momento, parava, suplicando: — Padrinho, leve-me de «taxi», não posso mais; a mãezinha paga.

E dos seus belos olhos, ternos e suplicantes, deslisavam suavemente grossas lágrimas. Era conflagrador o quadro, e daria um belo motivo para um pintor de génio.



Não acedeu o padrinho as suas comoveintes súplicas, talvez por não se ter ainda apercebido da gravidade do estado da pequena, ou por julgar o seu pedido apenas um capricho. Chegou a casa, exausta de fôrças, mal se podendo ter em pé e recolhendo logo à cama.

A-pesar-de todos os seus cuidados e sciência, não conseguia o médico, vencer a doença. E que uma idéa fixa, predominante, que se tornou em constante preocupação, inutilizava o tratamento. O ardente desejo de ver a mãe que se encontrava fóra da terra. O vê-la, o tê-la junto de si. Preocupação de tal maneira obcecante que, até delirando, no período violento da febre, chamava pela mãe. Esta, informada do que se passava, apressou-se a ir para junto da filha querida.

Quinze dias depois, Mariazinha estava curada, o que fez com que o médico, alegre e sorridente, dissesse, dirigindo-se à mãe de Mariazinha:

— Que medicação applicou V. Ex.^a à sua filha, para assim a curar tão ràpidamente? — Muito simples, Senhor Doutor, conhecem-na ou devem-na conhecer todas as mulheres, chama-se: — «Amôr de Mãe».

F I M

SUA MAJESTADE VAI ESCOLHER NOIVA... — (Continuado da pag. 3)

minha resolução, isto é: amanhã, pelas 15 horas, que se reunam, na mais vasta sala do meu palácio, todas — ouvem bem? — todas as donzelas deste reino, sejam bonitas ou feias, ricas ou pobres, fidalgas ou plebeias, quer elas queiram ou não, sob pena de morte para as que não obedecerem a esta ordem. E eu, desde já, vos juro escolher aquela que será a vossa soberana!

Curvaram-se, reverentes, perante o rei, todos os ministros, após o que se reuniram em silêncio.

Vários arautos percorriam as ruas da capital e da província, anunciando a decisão do rei Carlos. A surpresa foi enorme por toda a parte. Quem será a nossa rainha? Apontavam-se diversos nomes.

As modistas célebres andavam atarefadíssimas com as luxuosas *toilettes* encomendadas por todas as donzelas mais ricas do país, ávidas de conquistar o coração do rei.

Os ourives, as casas de modas, as sapatarias, as perfumarias, todas as casas, enfim, onde haviam objectos de luxo, esvasiaram-se dum momento para o outro. Nunca o comércio se lembrava de ter obtido, em tão pouco tempo, lucros tão fabulosos! Mesmo aquelas que não possuíam fortuna bastante para se adornarem devidamente, lá faziam com que os pais vendessem tudo quanto tinham somente pelo orgulho de virem a ser rainhas.

E, caso curioso, mesmo as raparigas mais pobres e humildes alimentavam intimamente a deliciosa quimera de virem a ser rainhas, depois de simples pastoras, como nos contos de fadas!

O dia seguinte despontara lindo, como convinha a um dia tão solene! Já de madrugada milhares de pessoas se comprimiam nas ruas que davam para o palácio real, na ansia inefável de verem aquela que seria escolhida.

Era 1 hora da tarde. Começavam a entrar as primeiras concorrentes ao coração real. Era um desfile incessante de formosíssimas donzelas, todas adornadas de joias riquíssimas, luxuosas *toilettes* de sedas e cores variadas, sapatos de setim, brocado e outros bordados com pérolas autênticas; era uma maravilha das mil e uma noites



assistir áquele espectáculo deslumbrante, único pelo amontoado de fortunas que cada uma, mais ou menos, trazia. De súbito, uma risada, quasi que geral, teve lugar!

Rosinha, uma linda e humilde filha do povo, acabava de entrar. Mas, de que forma ela vinha vestida!? E' o que, em rápidos traços, vou tentar mostrar, queridas leitoras, que me ouviis com uma paciência inigualável.

Bem simplesmente, na verdade! Ela vinha com o seu traje domingueiro, uma blusa de riscado azul, uma saía

de flanela, uns quasi que míseros chinelitos e um lenço em volta do pescoço. Compreendeis, agora, a causa daquella troça, de a pobrezinha foi vítima? E, contudo, os seus pais estavam bem resolvidos a tudo sacrificar para que a sua filha adorada se pudesse apresentar com uma *toilette* mais apropriada, mas ela, pela primeira vez na sua vida, recusou obedecer-lhes.

— Irei — dizia ella, na sua encantadora simplicidade — com o meu traje melhor, mas nunca com *toilettes* que não estejam de harmonia com a minha pobreza!

Triste, mas não arrependida do seu nobre gesto, foi collocar-se no canto mais obscuro da sala, ao contrário de todas as outras, que procuravam, ávidamente, lugar em que pudessem pôr-se em maior evidência, para se tornarem notadas pelo rei.

Com a chegada de novas damas, esqueceram-se do incidente com Rosinha, sobejo motivo de alívio para a pobre pequena. A sala, que era vastíssima, regorgitava já de lindas raparigas vestidas com mais ou menos gosto.

15 horas! A' hora marcada pelo rei! todas estavam presentes. O arauto annunciou gravemente:

— Sua Majestade vai escolher noiva!

E, oh vaidade desmedida!, naqueles dois segundos que ainda restavam, cada uma tratava de se collocar em posição mais artistica, de arranjar o penteado, o rosto, e sorriam-se de diversas maneiras para os magnificos espelhos que guarneciam a sala, a vér qual a forma de realçarem mais os seus encantos. Sómente Rosa, triste envergonhada, quasi que escondida, nem se lembrava que era uma concorrente, sabia só que estava a cumprir uma ordem, e, por sinal, que bem pensosa lhe era!

Entretanto, ouvem-se passos. O rei entra na sala. A emoção atingiu o auge; quasi que nem se respira; todas na ansia de satisfazerem as suas vaidades, o seu orgulho, procuram, ainda, corrigir alguns defeitos da natureza!

Como a vaidade imperava naqueles corações juvenis!

D. Carlos mostra-se triste; passa uma vista de olhos pela sala e só encontra sorrisos estudados, posições de estátua, falsos olhares!

Dirige a palavra a uma das damas mais lindas e ricamente trajadas. Esta, vaidosa, julga-se já vencedora; ousa olhar para o rei como para um igual, e para as outras (que mordiscam os lábios com despeito) olhares cheios de desprezo, de desdém.

O rei elogia-a, considera-a a mais elegante, mas... fica-se por aí.

Dirige-se, depois, para outra, fala-lhe, mostra-se galanteador (também cabe a vez dela olhar para as companheiras com um sorriso de triunfo a bailar-lhe nos lábios). Contudo, D. Carlos não se decidia, parecia, antes, comprazer-se em arrelliar aqueles corações!

Reinava já um certo nervosismo com a demora. O semblante do rei mantém-se triste, pensativo. Mas... repentinamente, notam todas que sua majestade, finalmente, se sorria, que a sua frente se desanuviara e que, apressadamente, se dirigia para o cantinho onde se encontrava a trémula Rosinha.

— Aproxime-se, menina. Deixe-me apreciar mais de perto a sua incomparável formosura! — diz-lhe o rei, sorridente.

Muito envergonhada e tímida por merecer as atenções reais, Rosinha aproxima-se do monarca. Este olha-a com infinita ternura.

— Não trema, nada receie e diga-me... como se chama?

— Rosa, senhor!

— Ora aí está um nome bem digno de quem o usa! —olve-lhe o rei, ao mesmo tempo que lhe oferecia o braço. Todas as outras donzelas, vermelhas de cólera e despeito, tentavam debalde dar ao rosto uma expressão jovial.

Quantas illusões, quantas quiméras, quantos orgulhos se não tinham abatido naquele momento emocionante?! O rei pede silencio e diz:

— Primeiramente, cumpre-me agradecer o esforço que todas vós fizestes, favorecendo o comércio do nosso país, desde há muito bastante abalado, nas mil e uma compras que fizeram, para se apresentarem tão ricamente vestidas á minha presença.

E um sorriso irónico bailava-lhe nos lábios.

E, continuando:

— Resta-me, agora, apresentar-vos, minhas senhoras, aquela que, de futuro, será a vossa rainha!

E, abrindo de par em par a janela principal do palácio, D. Carlos apresentou ao povo a sua gentil noivazinha. Ao reconhecerem que se tratava duma plebeia, duma filha do povo, aquela que, d'óra-á-vante, seria a sua soberana, o povo ficou radiante, reconheceu naquela escolha o caracter do seu rei, e as aclamações atingiram um delírio indescritível, nunca visto! Em todos os olhos haviam lágrimas de comoção e de esperança.

Tinham, todos, agora, a certeza de que os seus jovens reis tudo sacrificariam pela prosperidade do seu povo.

Já se passaram anos. O povo adora os seus reis, que lhes não têm trazido senão uma época de abundancia, de sossêgo e de Justiça!

No palácio, os reis, rodeados de dois lindos principinhos, seus filhos, gozam uma felicidade sem limites, inesgotável.

Assim premiou Deus a modéstia da Rosinha, o mais belo e o mais raro adorno de que ela se podia enfeitar para conquistar o coração inteligente e bom do grande rei Carlos, como êle ainda mais tarde foi cognominado.

F I M

CHARADS

«Doce» enlevo o da «mulher» preferida»-2-2

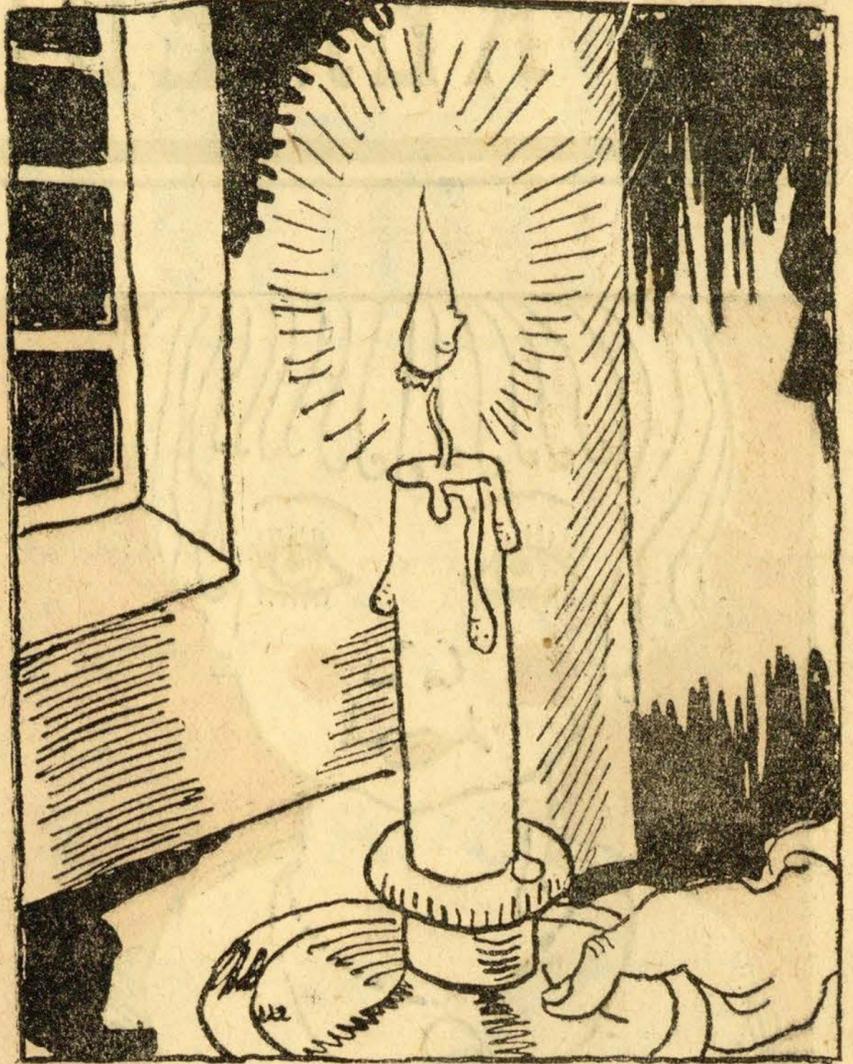
«Colorir» esta «cor» nesta «ave» não é coisa facil-2-2

Dá-se «pausadamente» a «nota» desta «máquina»-3,1

«Provém» duma «nota» a «palavra que deriva doutra»-3,1

Nesta «festa de regosijo» «não» houve nenhuma «briga»-2,1

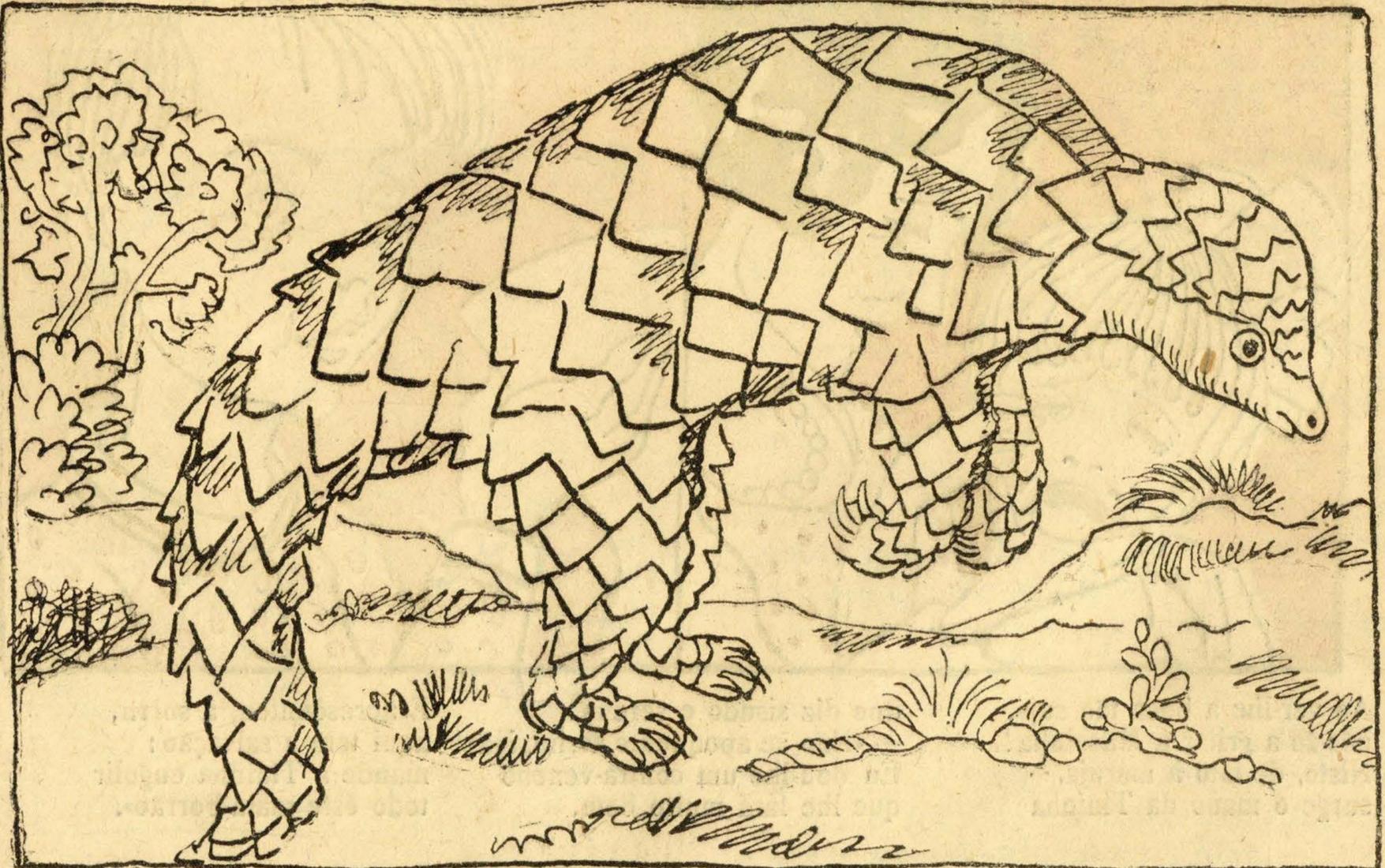
A DIVINHA



Uma avósinha, que, à lareira, estivera contando histórias aos netinhos, e leva na mão a palmatória e a vela para se alumiar. Um dos contos era o de um rei que tinha 3 filhos.

Se os meninos quizerem ver êstes 3 personagens, procurem bem.

PARA OS MENINOS COLORIREM



O PAGOLIN DE TERMMINCK (Manis TERMMINCKII)

UM REMEDIO SALVADOR



A Tininha é uma garota gulotona até mais não, pois leva à boca marota, tudo quanto apanha à mão.

Ralha-lhe a Mãe, o Papá... mas ela não se corrige; e, às vezes, por ser tão má, a mãe deveras se aflige.

Quarta feira, ou antes quinta da semana que passou, pegou num frasco de tinta e... catrapús, o emborcou.



Ao ver-lhe a boca tão suja, pôs-se a gritar à Mãezinha!... Nisto, de fato à maruja, surge o mano da Tininha

que diz sisudo e sereno: -- «Não se apoquente assim, Mãe! Eu dou-lhe um contra-veneno que lhe fará muito bem.

E acrescentou, a sorrir, aqui tem a salvação: mande a Tininha engolir todo êste mata-borrão».

■ ■ ■ F I M ■ ■ ■